



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



MARLENE FREITAS STOFEL

**TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE UMA ACADÊMICA DE
PEDAGOGIA DE JI-PARANÁ, RONDÔNIA: DOS ANOS INICIAIS
AO ENSINO SUPERIOR**

Ji-PARANÁ/RO
2017.

MARLENE FREITAS STOFEL

**TRAJETÓRIA DE ESCOLARIZAÇÃO DE UMA ACADÊMICA DE
PEDAGOGIA DE JI-PARANÁ, RONDÔNIA: DOS ANOS INICIAIS
AO ENSINO SUPERIOR**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Porto Velho, em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), como pré-requisito para a conclusão do curso, sob a orientação do Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro.

Ji-Paraná/RO
2017.

**Trajetória de escolarização de uma acadêmica de Ji-Paraná Rondônia:
das séries iniciais ao ensino superior**

Marlene Freitas Stofel

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof. Dr. Rafael Fonseca de Castro
(Orientador)

Membro: Prof.^a Dr.^a Rosângela de Fátima Cavalcante França

Membro: Prof.^a Dr.^a Ana Maria de Lima Souza

Ji-Paraná/RO
2017.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, que me deu forças para superar os obstáculos e continuar a jornada.

Aos meus pais, João de Freitas e Neuza Maria, pelas palavras de ânimo nos momentos difíceis.

A meu querido esposo, Evando Stofel, por sua infinita paciência comigo.

A minhas amigas, Betania, Jucilene, Marcia e Sueli, pelo companheirismo e apoio no decorrer do curso.

Às Professoras/tutoras, que nos auxiliaram no decorrer deste curso, Flavia Regina Stur e Thais Oliva Fernandes Sanders, Maria Rosenilda Pires Ferreira e Edivania Ribeiro de Amorim.

A todos os Professores que contribuíram com o nosso aprendizado, em especial, os professores Wendell Fiori de Faria, Walterlina Brasil e João Gilberto de Souza Ribeiro, os quais tivemos o prazer de conhecer pessoalmente.

EPÍGRAFE

“Educar dá trabalho e são os resultados que os aprendizes conseguem que atraem o sucesso. Sucessos são efêmeros, como algumas borboletas que vivem um dia só. Não se corre atrás das borboletas para prendê-las no seu jardim; elas devem ser atraídas pelas flores que o jardineiro cultiva” (TIBA, 2012, p. 75).

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
1. REVIVENDO MINHA INFÂNCIA	10
2. O TEMIDO ENSINO MÉDIO	17
3. POR QUE HUMANAS E NÃO EXATAS?	19
3.1 Desafios, reflexões e aprendizagens	20
4. DESESTRUTURA FAMILIAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS.....	27
5. EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	36

APRESENTAÇÃO

Meu nome é Marlene Freitas Stofel. Sempre fui uma criança muito tímida e desde que me entendo por gente sou ansiosa, não falo de ansiedade em esperar o namorado ou ir aquela festa tão esperada, mas do transtorno da ansiedade como patologia. Conhecer meu próprio corpo e saber quais são meus limites é algo primordial para desenvolver meu autocontrole e não deixar situações tomar consequências desastrosas, ensinamentos de minha querida psicóloga Dr.^a Leonice. Por falar em terapia, todas as pessoas deveriam ter a oportunidade de fazer acompanhamento para aprender se autoanalisar, evitando muitos ataques de fúria, que acontecem por conta do nível de estresse. Minha intenção aqui não é falar sobre doenças, causas e consequências, mas, falar um pouco sobre mim.

Sou sorridente, mas também de choro fácil, sou mais emoção do que razão em alguns momentos, em outros sou o inverso; sou muito dura com situações erradas, e, até comigo mesma. Mas também tenho um coração mole, é fácil ganhar minha confiança. Às vezes sou ingênua e acredito nas pessoas, mas por conta disso já me machuquei bastante, mas também aprendi perdoar. Por ser verdadeira, não vivo desconfiando e analisando todo mundo, porque isso é uma tarefa muito cansativa. Prefiro viver o momento. Aprendi a sorrir dos meus erros e a enxergar o lado bom da vida. Agora vamos ao que interessa:

Rememorar nossa história pode não ser uma tarefa tão simples, pois as lembranças se fragmentam ao longo do tempo, algumas delas nosso inconsciente prefere guardar em um lugar privilegiado do nosso cérebro. Pois nem sempre são lembranças boas.

Nesse memorial, procuro discorrer sobre fatos e acontecimentos ocorridos na minha infância que ainda estão vívidos em minha memória e outros com apenas resquícios de lembranças, os episódios ocorridos na adolescência e vida adulta, por ser mais próximo a esse memorial não quer dizer que esteja claro e límpido em minha memória.

Alguns episódios que marcaram minha vida, seja de forma positiva ou negativa, ficaram guardados em um espaço privilegiado em minha memória que ao relembrar dos mesmos parecia revivê-los. Fazendo-me sorrir de algumas histórias, entristecer com outras e até mesmo acesso de raiva diante da memória de episódios negativos que aconteceram, como imposições de professores medíocres. Esses episódios me trouxeram a reflexão de que metodologia opressora não traz resultados positivos. E sobre o tipo de profissional que não quero ser.

Discorro sobre como foi minha infância e meus primeiros passos na escola. As dificuldades enfrentadas em algumas disciplinas, sobre minha experiência com bons professores e com péssimos professores, dos traumas e das alegrias que vivi no decorrer da minha vida estudantil.

No decorrer dessa trajetória, percebi que aprender exige riscos, coragem para desistir de velhos paradigmas, abandonar velhas concepções estar abertos a superar a consciência ingênua e desenvolver a consciência crítica, acreditar que existe luz e vida fora da caverna.

O homem pergunta-se: quem sou eu? de onde venho? Onde posso estar? O homem pode refletir sobre si mesmo e colocar-se num determinado momento, numa certa realidade: é um ser na busca constante de ser mais e, como pode fazer essa auto reflexão, pode descobrir-se como um ser inacabado, que está em constante busca. Eis aqui a raiz da educação (FREIRE, 1979, p. 27).

Este memorial tem como objetivo descrever minha trajetória escolar desde as séries iniciais até a atual graduação. Também irá descrever minhas perspectivas e objetivos profissionais. O mesmo irá mostrar as dificuldades encontradas no decorrer dessa trajetória, que não foram poucas, principalmente na academia, pois tivemos que superar vários desafios, que descreverei ao longo desse memorial.

Considero relevantes as notas sobre minhas experiências nas atividades realizadas como pesquisas de campo, estágios e atividades desenvolvidas no ambiente escolar. As pesquisas de campo foram: com alunos de Ensino de Jovens e Adultos-EJA, onde o principal foco era descobrir o motivo pelo qual estavam cursando essa modalidade de ensino; pesquisa com crianças sobre brincadeiras tradicionais como

resgate cultural e com alguns adultos sobre as brincadeiras mais comuns em sua infância.

As atividades realizadas no estágio, além da sala de aula foram: sobre o #diadelertododia, na qual confeccionamos um castelo e nos vestimos de personagens infantis, para contar a história do Príncipe que gostava de leitura, através do teatro de fantoche. Deixando clara a importância de trabalhar com o lúdico e a leitura com nossos alunos. Além de trabalhar esse teatro na escola, apresentamos na ala infantil do Hospital Municipal de Ji-Paraná. Essas e outras experiências estarão expostas no decorrer deste memorial.

1. REVIVENDO MINHA INFÂNCIA

A história que irei descrever teve início no dia nove de julho de 1981 na cidade de Ji-Paraná, Rondônia, onde minha mãe embarcou em um transporte público em direção ao hospital onde iria dar a luz a uma menina. Já cheguei a este mundo em apuros, por pouco não nasci ali mesmo naquele ônibus. No decorrer do nascimento, os médicos notaram que o cordão umbilical estava enrolado em meu pescoço e isso poderia ter me levado a óbito. No entanto, isso não aconteceu e aqui estou para contar minha história.

Infelizmente, não tive a oportunidade de ingressar na Educação Infantil. As crianças que moravam no sítio começavam ir para a escola na 1ª série, e assim aconteceu comigo. Comecei a estudar na escolinha Joana Darc, essa escolinha era próxima a nossa chácara o que facilitava nosso deslocamento. Íamos eu e meu irmão para a escolinha, minha irmã ainda não tinha idade para estudar e ficava em casa com minha mãe. Como era maravilhoso ir estudar. A hora do recreio era muito importante para nós, era a hora das brincadeiras, pois durante as aulas não havia a existência do lúdico, e como não havia o professor de educação física, era a própria professora que dirigia as brincadeiras em alguns momentos. Eram brincadeiras tradicionais, como cantigas de roda, polícia e ladrão que era exclusiva para os meninos, pega-pega, esconde-esconde, rouba bandeira e outras.

A modalidade de ensino era multisseriada, o quadro era dividido por linhas para cada série, o aprendizado sofria interferência, apenas um professor e um quadro de primeira a quarta série. Os pais eram bem unidos quando necessitavam fazer alguma reclamação. Eles se reuniam e se dirigiam até a secretaria de educação para reivindicar seus direitos. Lembro-me de uma reunião dessas que fui convocada a fazer uma leitura da cartilha para provar a todos os pais naquela reunião que o professor atual não estava conseguindo alfabetizar os alunos, porém, os pais não foram astutos o bastante para me pedirem para ler outro livro. Pediram para eu ler uma leitura da minha querida e amada cartilha e, para minha felicidade, escolheram um texto que eu já sabia de cor. Como eu não sabia expressar a dificuldade que ainda possuía com a leitura, não avisei que já sabia o texto de “cabo a rabo”, mas me senti maravilhosamente bem em realizar minha primeira leitura para uma plateia. Esse professor parecia não ter muita experiência ou

apenas não levava tão a sério sua profissão, pois o mesmo não passava muitos exercícios na lousa, deixava os alunos ociosos, fazia o mínimo por nós alunos, pois, em plena sala, e em horário de aula, o mesmo colocava os dois pés em cima da mesa para descansar. Esse foi um dos motivos da reunião referida acima.

A professora Gercina, anterior a ele era querida, atenciosa, dedicada, amava sua profissão, pois isso se notava pelo carinho dela conosco e como tratava nossos pais. Como nossa chácara era bem próxima da escola, a professora sempre passava em nossa casa e tinha contato direto com minha mãe sobre nosso desenvolvimento enquanto alunos dela.

Para ajudar meu pai com as despesas, minha mãe lavava roupas para uma família que moravam em outro sítio, então ela era muito sobrecarregada com os afazeres da casa, lavar a roupa cuidar de três filhos e do marido, um primo que morava conosco na época e um tio deficiente físico que é irmão do meu pai, que ela cuidava como se fosse filho também. Era muito cansativo, pois não tínhamos máquinas de lavar como hoje as máquinas já fazem tudo, minha mãe puxava água da mina com balde e esfregava as roupas todas “a mão”, com escova e, às vezes, sentia muitas dores nas palmas das mãos devido ao esforço repetitivo da lavagem. Com todos esses afazeres, ela não tinha tempo para me ensinar o dever de casa durante o dia, então ela acordava às 5 da manhã para me ensinar porque eu não aceitava de jeito nenhum chegar à escola sem o dever de casa completo, ela compreendia isso e me ajudava da melhor forma que podia. Desde a primeira série, eu já tinha responsabilidade com o dever de casa, e também não gostava que me chamassem atenção. Eu sofria de ansiedade e ainda sofro. A diferença é que hoje faço tratamento e, na minha infância, era mais difícil o acesso a esse tipo de tratamento, e às vezes, até por falta de conhecimento de meus pais e dos professores que não solicitaram meu encaminhamento ao psicólogo. Então, eu acordava minha mãe a cada duas horas a noite toda e ia até ela pra perguntar se já estava na hora de fazer o dever de casa. Eu sofria com isso e minha mãe também, porque eu a incomodava e perturbava seu sono só por causa da tarefa e chorava muito com medo de não conseguir realizar a tarefa e levar completa pra escola. A solução que ela teve para acabar minha ansiedade, foi me tirar da escola naquele ano.

Quando comecei a ler, tinha prazer em sair lendo tudo o que encontrava pela frente, as letras das placas das lojas pareciam querer saltar e eu ficava soletrando até concluir a palavra. Era muito gostoso ir até a cidade e ver tanta letra, lembro que, em minha casa, o hábito da leitura era ler a bíblia e a revista da igreja – já que somos evangélicos. Essa leitura era realizada todos os dias pela manhã antes do café, essa revista possuía um texto para cada dia da semana, então, meu pai fazia a leitura com dificuldade, pois só estudou até o segundo ano primário. Terminada a leitura, fazíamos a oração agradecendo o alimento e pelo dia que se iniciava.

Minha mãe também tinha o hábito de ler salmos para nós, que decorávamos e também poderíamos recitá-los quando enfrentávamos situações difíceis como doença e outras. Ela fazia orações e lia os salmos, ensinando-nos o método do código segundo à psicologia, sem ao menos saber que ler algo específico ou recitá-lo em meio a situações difíceis ou pensamentos recorrentes nos traz algum conforto. Isso marca a nossa vida profundamente, tanto que quando me vejo em situações difíceis me pego lendo ou recitando os mesmo salmos que ela lia e isso traz conforto para a minha alma.

Como não tínhamos televisão, nem ao menos energia elétrica em nossa chácara, sempre nos reuníamos para ouvir as histórias que nossos pais contavam, eram histórias da vida deles, as travessuras que eles aprontavam na infância, histórias que seus pais contavam que já eram repassadas há muito tempo. As que eu mais me interessava eram as histórias mau assombrada que eles diziam realmente ter acontecido com eles ou com amigos e parentes, e história de lobisomem em noite de lua cheia, há como era bom ficar ouvindo e viajando na imaginação isso unia a família. Pais e filhos passavam mais tempo juntos, era um tempo de qualidade¹ no qual nossos pais contavam suas histórias e nos deixava fazer qualquer tipo de pergunta sobre a mesma, ríamos muito.

Eu sempre fui muito risonha e sou até hoje, quase rolava no chão rindo das histórias ou de outros fatos engraçados que ocorriam. São momentos que nenhum dinheiro do mundo pode pagar. Um aprendizado maravilhoso que, em sua simplicidade, meus pais me proporcionavam. Estou emocionada em relembrar esses fatos.

¹ Tempo de qualidade é o presente da presença do pai ou da mãe ao filho (CHAPAMN e CAMPEBELL, 1999, p. 65).

Segundo Faria e Mello, “ouvir histórias tem uma importância muito grande para a criança: faz com que ela se sinta importante, sinta que alguma coisa está sendo feita especialmente para ela” (FARIA e MELLO, 2005, p. 7).

Eu, apaixonada por livros, comecei a trazer livros que emprestava na biblioteca da Escola e me recordo de dois episódios: o gibi e o escaravelho do diabo. Vamos pela ordem cronológica, os gibis eram meus queridinhos para leitura por serem histórias engraçadas e leitura curta para cada episódio, os preferidos eram: a turma da Mônica, Tio Patinhas, O Pateta e Mickey.

Certo dia, minha mãe me pegou lendo um desses e fez um discurso dizendo que eu não poderia ler aquilo e que gibi não era de Deus, mas não possuía nenhum argumento forte para sustentar sua tese. Eu, meio sem entender nada disse, está bem não vou ler mais o tal gibi, só que não, eu pensei: ah eu não posso parar a historinha no meio, nunca fui de começar a ler algo e abandonar sem concluir. Como não queria abandonar minhas leituras pensei vou esconder meu gibi no meio da moita de capim, pois ali ninguém o encontraria e assim foi feito. Quando sentia vontade de ler ia pra um lugar mais distante e viajava por suas páginas, o esconderijo foi muito bom visto que nunca fui apanhada.

A outra leitura censurada pela minha mãe foi o livro infanto-juvenil o Escaravelho do diabo, ícone da série vagalume da autora Lucia Machado de Almeida, se o gibi que era tão inofensivo era proibido imagina um livro com o nome do “bicho” na capa. Desse episódio, recordo-me melhor, pois já era pré- adolescente, o sermão que ganhei, do tipo, isso não é coisa que se lê pode devolver imediatamente essa “porcaria” pra biblioteca onde já se viu ler um livro desses com esse nome, não quero ver esse livro mais aqui dentro de casa. Como dificilmente a retrucava, eu disse está bem vou devolver, e pensava, mas não antes de acabar a leitura que era muito interessante por sinal, como o livro era maior que o gibi, era mais difícil escondê-lo, então li o mais rápido possível para poder devolvê-lo a escola e não ser pega pelo meu “crime”.

Naquela época, nossa “rede social” eram cadernos de versos, me lembro quando era bem pequena que meu primo já mais velho que nós, tinha um certo caderno de versos, eu gostava de pedir a ele para ler os versos que as meninas o escrevia.

Um pouco mais tarde, também comecei a participar da tal “rede social”. Nós tínhamos o caderno de perguntas. Esse caderno possuía várias perguntas, cada pergunta em uma página, cada pessoa que respondia tinha um número, na sequência anotava o número e respondia. As perguntas que me recordo eram as seguintes: qual seu nome, qual sua idade, o que acha de mim, tem namorado, já beijou, esse caderno era repassado por todas as amigas e quando entregávamos para elas ficávamos ansiosas para ver as respostas quando elas o devolviam. Engraçado era quando pegávamos um caderno que já estava quase todo completo íamos “curtir” as respostas das outras pessoas olhando o nome e todas as respostas dadas. Era muito divertido e prazeroso, essa brincadeira acabava por auxiliar no desenvolvimento da leitura e escrita.

Um pouco depois dessa época, surgiu o diário. Esse foi o meu queridinho, pois já era mais sofisticado, era de capa dura com desenhos de flores na capa e nas folhas e um cheirinho adocicado que só saía depois de velho, vinha com um cadeado para nossa privacidade. Porém nessa época as meninas gostavam de usá-lo como caderno de verso, onde era passado para as amigas escrever. Podia usar a criatividade para escrever e elogiar, pois as próximas que pegassem o diário para escrever iam ficar curiosas para ler o que as outras escreviam, pelo menos eu ficava e lia tudo. Todas queriam escrever os versos mais bonitos para as amigas, numa competição silenciosa para ver quem escrevia melhor, quem era a garota mais popular, mais elogiada e mais legal.

Recordo-me quando aguardei a menina mais popular da escola entregar o diário dela pra eu escrever, o nome dela era Luciana, ela era de uma classe social melhor que todos os outros alunos da sala, fazia curso pra ser modelo, era rainha de tudo que havia na comunidade. Apesar dela não ser do meu grupo de amigos, ela respeitava as pessoas não as tratava com inferioridade, era bonita, bem educada, meiga, simpática e gentil, característica considerada por todos. Uma verdadeira Lady. Ah, como foi demorada aquela espera” Quando ela me pediu pra escrever em seu diário me senti tão importante, quis escrever os versos mais lindos que sabia, e com letra bem caprichada. Lembrando que não tinha como recorrer à internet naquela época, era tudo escrito a mão, desenhado, ou colado figurinhas para deixar o diário mais bonito.

A escolinha do sitio fechou não me recordo o motivo, por isso tivemos que ir estudar em uma escola na cidade, escola Lauro Benno, onde tive a felicidade de estudar

com a professora mais maravilhosa da escola, pelo menos para mim era. Minha querida professora Helena, muito simpática, carinhosa, educada, prestativa, ela foi a culpada por eu escrever minhas primeiras cartas de amor, como é bom estudar com uma professora que amamos e podemos expressar esse amor em formas de cartas, flores e abraços.

Estudei até a terceira série nessa escola. Após esses três anos, foi inaugurada uma escola próxima a nossa chácara que era colada na cidade, posteriormente, mudamos pra cidade e tivemos que voltar a estudar na Escola Lauro Benno, pois só havia séries iniciais na Escola Antônio Bianco.

Na minha adolescência, tive que começar estudar a noite, pois precisava trabalhar. Então, concluí meu ensino fundamental com a responsabilidade de trabalhar e estudar. Nessa época, trabalhei como babá e empregada doméstica, com 17 anos comecei a trabalhar em uma empresa. Como o horário de trabalho era mais extenso, ficou mais cansativo estudar, porém não desisti.

Novamente, tive que trocar de escola: Escola Rio Urupá. Precisava estudar à noite e consegui companhia de amigos pra voltar pra casa. Fui estudar a sétima série. Nessa classe, tive um professor de história muito bom, explanava seus conhecimentos com entusiasmo, nos levava a refletir o conteúdo aplicado, não cobrava conteúdo decoraba, aceitava que colocássemos na prova o conteúdo com nossas próprias palavras. Ele já era um professor que dava um passo além de seu tempo, visto que alguns outros professores não aceitavam ao menos uma vírgula fora do lugar. Esse foi meu querido professor Gregório, que nos tratava com amor e respeito, além de que ele foi o único professor que “enxergava” minha timidez e pedia pra que eu desse a resposta referente ao conteúdo estudado. Gaguejando e vermelha de vergonha, comecei a responder as perguntas, e também comecei a criar coragem para perguntar sobre minhas dúvidas, graças ao Professor Gregório.

Considero a Professora Rose, dessa mesma época, muito importante no meu processo de aprendizagem, apesar de não ter muita afinidade com ela, não deixava que isso interferisse na aprendizagem do conteúdo. Recordo-me quando ela pediu para cada aluno comprar um livro de literatura a sua escolha. Após comprarmos o livro ela passou a atividade. Cada aluno devia ler o seu livro e fazer um resumo com: introdução,

epígrafe, frase marcante, moral da história, não me recordo todas as exigências, nessa época era manuscrito em um papel específico comprado na livraria.

Ao concluirmos a atividade, era realizada uma roda de conversa, para cada aluno contar a história de seu livro. Após isso, trocávamos nosso livro com o colega e na próxima data agendada acontecia o mesmo processo. Essa experiência foi importante pra mim, que tinha vergonha de perguntar e expressar minha opinião, mas me empolgava contando a história dos livros e sempre tirava uma boa nota nesta atividade.

2. O TEMIDO ENSINO MÉDIO

Meu ensino médio foi concluído em outra escola pelo fato da escola anterior não possuir o ensino médio, fui estudar na escola Gonçalves Dias, lembro como hoje o meu receio em ir para essa escola, pois tinha fama de ter um ensino mais “puxado”. Eu via isso com olhar negativo por imaturidade, porém como o homem é produto do meio onde vive me adaptei a essa escola e com os professores e consegui passar os três temidos anos do ensino médio.

Com certeza, foram anos bem difíceis pelo fato de ter que trabalhar e estudar. Muitas vezes, sentia sono e dormia sobre a carteira. Os professores eram compreensivos. Às vezes, tinham longas conversas conosco a respeito de nossa vida profissional, explicavam que iríamos precisar do estudo para sermos bons profissionais. Lembro-me do professor Hélio, um bom professor de matemática, porém, eu tinha muita dificuldade de entender a metodologia que o mesmo usava e também porque odiava matemática. Ele dizia que até o final do ano iria nos fazer aprender a gostar de matemática. Eu estudei os três anos do ensino médio com ele e não aprendi a gostar de matemática. Gostava dele como professor, mas da matéria não, às vezes ele não conseguia compreender que cada um de nós somos seres únicos e nossas aptidões e vocação são diferentes uns dos outros. Eu tenho vocação pra ciências humanas e alguns alunos da mesma sala tinha vocação para exatas o que devemos respeitar quando estivermos exercendo a função de professores e também em nossa vida pessoal. Devemos respeitar as particularidades de cada um.

Minha dificuldade em matemática começou quando eu não consegui decorar a tabuada, nessa época os professores não usavam métodos lúdicos para auxiliar os alunos. Eu pedia para alguém tomar a tabuada para eu treinar, era tudo em vão eu nunca conseguia memorizar a tabuada e quando a professora ia tomar a tabuada eu sempre errava, e ficava tremendo de medo.

Também me recordo quando eu estava na 5ª série e uma professora de matemática me colocou no quadro uma aula inteira para tentar resolver uma conta. Como eu não conseguia resolver, ela não me deixava ir sentar e também não ajudava ficava “pregada na cadeira”. E, como eu era muito tímida e obediente, não me movia do lugar. Isso me traumatizou de uma maneira que só de relembrar me causa ira. Esse é o

tipo de professora que não quero ser no futuro e jamais serei, pois dependendo de nossos atos podemos deixar sequelas em nossos alunos que irá marcá-los para sempre. Quando a criança ou adolescente já têm dificuldades, expô-los ao ridículo só vai piorar a situação. Por conta de minha dificuldade em aprender matemática, e a timidez pra perguntar quando tinha dúvidas, fui reprovada nessa disciplina quando cursava a 7ª série. Foi a única vez que tive uma reprovação, fiquei muito triste, é claro.

Como não amar a Professora Gigi? Ainda no Ensino Médio, tive uma professora de português excelente, uma professora apaixonada pela educação. A professora Gigi sabia como dar ótimas aulas, me lembro da forma que ela realizava leituras de textos, ela lia com corpo e alma, ia lendo e traduzindo em seu corpo todos os sentimentos como dor, alegria, tristeza, medo. Eu era apaixonada pela forma dela ministrar suas aulas, eu diria que ela poderia ganhar o prêmio de Professora nota 10, por sua desenvoltura e forma de cativar os alunos, pois até os alunos que se interessavam mais pelas disciplinas exatas gostava das aulas dela.

No meio desses anos com a professora Gigi, houve um dia em que recebemos a notícia que nossa querida professora iria nos deixar não me recordo se por vontade própria ou a pedido da Direção da escola. Todos nós ficamos transtornados com a notícia, os alunos não aceitaram e começaram a gritar queremos a Gigi! Queremos a Gigi! queremos a Gigi! E os alunos de outras salas se uniram aos alunos da Gigi e começaram a gritar queremos Abacaxi! Queremos abacaxi! Pois eles pensaram que a fala seria esta, e os alunos não pararam dentro da escola foram pra Avenida em frente à escola que é uma das mais movimentadas da cidade, pararam a avenida gritando, fazendo protesto. Infelizmente, eu não participei dessa manifestação em favor de minha querida professora, pois eu era muito doente e, às vezes, tinha que faltar a aula. Fiquei sabendo no dia seguinte por meus colegas de classe e, também, porque a notícia saiu no jornal local. Enfim, nossa amada professora não saiu de nossa escola ficando até eu concluir meus três anos do Ensino Médio.

3. POR QUE HUMANAS E NÃO EXATAS?

Desde o ensino fundamental, já sonhava em entrar para Universidade Federal. Após ter concluído meu ensino médio, prestei meu primeiro vestibular para pedagogia no qual fui reprovada. Minha dificuldade, desde sempre, foram com as disciplinas exatas tinha muita dificuldade em matemática como a maioria dos brasileiros, além de química e física. Prestei o vestibular quatro vezes conseguindo a aprovação nesse último o curso da UAB. Cada vez que eu reprovava, era muito decepcionante. Eu sonhava acordada e dormindo em entrar para a Universidade Federal e falava para minha mãe eu ainda vou estudar nessa Universidade. Como meus pais moram em frente à Universidade e, nessa época, eu morava com eles, seria ótimo para mim, pois era só atravessar a rua que já estaria na Universidade.

Porém, a realidade não foi bem essa. Iniciamos as aulas quase seis meses após o tempo previsto, as primeiras aulas foram ministradas na UNIR e eram semipresenciais, um sábado por mês, com professor em sala. As aulas eram muito satisfatórias. Após aproximadamente três meses, recebemos a notícia da greve, que nos prejudicou em proporções gigantescas, pois em média com idas e vindas de greves perdemos dois anos de estudos foi o motivo para a grande maioria desistir do curso.

Como não tínhamos sala fixa para nosso curso no Polo, foi uma peregrinação. Todos os dias de aula eram em salas diferentes, um belo dia fomos informados que não teríamos mais sala disponível na Universidade. Nossas aulas foram transferidas para uma sala de informática oferecida pela Secretaria Municipal de Educação-SEMED.

Por ser uma modalidade nova, a Universidade não possuía estrutura para aula via web conferência, o equipamento para transmissão das aulas que a UAB possuía eram de péssima qualidade, as transmissões eram prejudicadas. Porém, não desistimos: nos reuníamos duas vezes por semana para tirar as dúvidas. Nossas tutoras, Flávia e Thais, eram sempre muito dedicadas, faziam de tudo para sanar as nossas dúvidas nesses encontros. Assistíamos aos vídeos, debatíamos sobre o assunto e trocávamos ideias sobre as atividades.

Frente à decepção referente às infundáveis greves a qual vivenciamos no decorrer do curso, decidi, em meio a uma dessas greves, cursar Educação Física em uma

Instituição privada. Estudei durante um semestre, porém, não me sentia motivada frente às ramificações que esse curso traz, como preparadora física em escolas e muito menos fora dela. Eu sentia aversão em pensar que poderia um dia estar, por exemplo, dentro de uma academia de ginástica, dando aulas e incentivando as pessoas a praticarem exercícios físicos. Eu os pratico por necessidade, não consigo passar mais que um ano fazendo exercícios periódicos dentro de uma academia de ginástica. Então, por estas questões e reflexões, percebi que poderia me frustrar se continuasse com a Educação Física e abandonasse a Pedagogia, pois nosso curso havia retornado e estava bem difícil conciliar duas faculdades, o trabalho e os afazeres domésticos.

Meu curso do sonho na época era Psicologia, porém, nenhuma faculdade de Ji-Paraná disponibilizava esse curso, então, devido a vários fatores, fiquei impossibilitada de me deslocar para outra cidade para realizar o curso em questão. Porém, minha aproximação com crianças acontecia naturalmente.

3.1 Desafios, reflexões e aprendizagens

No decorrer do curso, algumas disciplinas me trouxeram maiores reflexões, e uma das que mais me marcou foi a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Foi durante a pesquisa de campo, que enxerguei de perto as necessidades e anseios de jovens e adultos que por motivos diversos abandonaram a escola ou não tiveram oportunidade de iniciar seus estudos durante a infância.

Em uma das atividades propostas, havia uma entrevista com algumas questões referente à trajetória educacional desses alunos. As perguntas eram as seguintes: quais as causas pelas quais estariam estudando no EJA; se pretendiam cursar uma universidade; qual a motivação que os levaram de volta a sala de aula; qual a disciplina que mais gostavam e a que menos gostavam. Enfim, houve diversas respostas cada um com sua história de vida e as causas por não ter iniciado o estudo durante a infância. Nessa pesquisa constatamos que a maioria morava no sítio e não consideravam o estudo interessante ou não puderam estudar por conta do trabalho na roça.

Existem muitas opiniões e muito preconceito em relação à capacidade e a idade que se pode aprender. Com base nessas opiniões, há os ditados: “papagaio velho não aprende a falar, cachorro velho não aprende truque novo”. Esses rótulos são

preconceituosos, pois ao contrário do que se diz, quando a pessoa está realmente disposta a aprender ela aprende tanto aos 20 como aos 60 anos. Mudanças fisiológicas são inevitáveis, diminuição da audição, da visão e perda da agilidade física vão ocorrer, mas há uma tendência em aumentar a serenidade, a confiança, à calma. A capacidade de aprender não depende da idade, mas da força de vontade, da experiência e da oportunidade. Um dos fatores preocupantes nessa modalidade de ensino têm sido a evasão e a desistência dos alunos.

A lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), estabelece a contribuição e implementação da educação de jovens e adultos conforme lemos no Art. 4º inciso VII:

O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] oferta de educação regular para jovens e adultos, com características e modalidades adequadas às suas necessidades e disponibilidades, garantindo-se aos que forem trabalhadores as condições de acesso e permanência na escola (BRASIL, 1996).

Ainda em seu artigo 37, a LDB garante que o Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si. No entanto, o Poder Público está garantindo apenas o acesso, pois a permanência não tem sido protegida, os alunos continuam evadindo das escolas. Na escola onde fizemos a pesquisa, um número considerável de alunos já havia desistido, segundo nos informou a professora Cidinha. E entre os que ainda frequentam, não há assiduidade, faltam à aula por motivos fúteis. A principal alegação mediante a falta é o cansaço do dia a dia, e até mesmo um jogo de futebol, como presenciamos a fala de um aluno após uma quarta feira.

A professora nos relatou que tem sido delicada na forma de tratar esses casos, pois devido à insegurança desses alunos qualquer palavra mal elaborada pode vir a causar mais uma desistência. O Poder Público deve tomar providências em relação a esta estatística, devem pensar na raiz do problema: oportunizar a todo Brasileiro acesso a escola desde a infância.

Em contrapartida, tivemos grandes dificuldades em algumas disciplinas. Estatística foi uma delas, por ser uma disciplina da área de ciências exatas, consideramos a dificuldade em realizar cálculos por intermédio de aula virtual. As

explicações e os textos da apostila não eram suficientes para colaborar com nosso aprendizado, como precisávamos concluir essa disciplina, juntamos os que conseguiram entender melhor para explicar para o restante da turma. Buscamos ajuda de estudantes específicos da área, oferecido na modalidade presencial nesta mesma Universidade, mas não obtivemos a ajuda que esperávamos. Nessa época, eu estava realizando um curso básico sobre finanças e consegui uma ajuda com o professor que era muito atencioso e gentil. Ao concluir essa disciplina, tive absoluta certeza que não tenho vocação para exatas.

A disciplina Educação Infantil I e II me trouxe muitas reflexões e uma delas foi pensar com qual idade a criança deveria começar a frequentar uma escola. Influenciada pelo senso comum, acreditava que as crianças de maternal e pré-escolar eram novas demais para estarem dentro de uma escola, pois, futuramente, passariam vários anos de suas vidas estudando. Como não tive oportunidade de começar minha vida escolar na Educação Básica, não tinha noção dos benefícios que poderiam acontecer nessa fase da vida da criança, frisava apenas os pontos negativos.

Antigamente, não havia o conceito de infância, conforme aponta Faria e Ruiz (2014, apud ARIÉS, 1981) “até o século XV a criança não era vista como um ser em desenvolvimento com características e necessidades próprias, mas como adultos miniaturizados”. Sendo assim, a infância não era uma época valorizada, pois as crianças eram inseridas em toda a rotina do adulto desrespeitando até mesmo a condição fisiológica delas.

Conforme Craidy e Kaercher (2001), as crianças aprendiam com os adultos de seu grupo social ou familiar, era responsabilidade desses adultos ensinar essas crianças. Não havia instituições específicas para crianças como vemos hoje. Essa educação Infantil como fator complementar a família é uma invenção moderna. Porém, só foi possível mudar esse percurso porque a sociedade começou a modificar sua maneira de pensar o que é ser criança.

Faria e Ruiz (2014) afirmam que os primeiros olhares para a educação infantil no Brasil ocorreram em meados de 1930. A partir de mudanças sociais e econômicas, as estruturas familiares foram modificadas devido à revolução industrial. Anteriormente, a mulher era responsável apenas pela educação dos filhos e afazeres domésticos. A partir dessas mudanças, as mães trabalhadoras começaram a reivindicar um espaço para que

seus filhos pudessem ficar. Então, a função das creches eram preencher essas necessidades.

Na década de 1980, inicia um avanço em relação à Educação Infantil; e através de pesquisas e estudos reconheceram a importância da Educação Infantil independente da classe social. Em 1988, a Constituição (BRASIL, 1988, p. 19) define a creche e a pré-escola como Direito da família e dever do Estado, como afirma em seu art. 7º inciso XXV- assistência gratuita aos filhos e dependentes desde o nascimento até cinco anos de idade em creches e pré-escolas.

Em regulamentação ao comando normativo constitucional, dispõe a lei Federal nº 9394/96 que: Art. 29 A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, até os cinco anos de idade, em seus aspectos físicos, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (LDB, nº 9394/96).

Portanto, a partir do conhecimento teórico, e a seguir sua prática através de estágios e pesquisas, tive a oportunidade de superar a consciência ingênua e adquirir a consciência crítica.

Na disciplina Recreação e Jogos, a primeira atividade proposta foi uma oficina, onde nós, alunos, nos reunimos nessa aula para realizarmos diversos tipos de brincadeiras, vivenciamos novamente as brincadeiras da infância. Foi uma aula muito divertida, nos trouxe reflexões sobre a importância de se trabalhar o lúdico. Visto que as brincadeiras estimulam a aprendizagem, a imaginação, a criatividade, colabora com a socialização, com a coordenação motora e a lateralidade. É através do brincar e/ou das brincadeiras que se desenvolvem melhoras na habilidade da criança.

Nossa atividade de pesquisa teve como tema: brincadeiras tradicionais, como resgate cultural, na perspectiva da cultura corporal. Realizamos nossa pesquisa em uma escola, um parque e em ruas de nossa cidade. Constatamos que as brincadeiras tradicionais estão se perdendo na memória das crianças, devido a uma série de fatores, como a criminalidade que impede as brincadeiras nas ruas, e a indústria de jogos eletrônicos e brinquedos inteligentes. Esses são os fatores mais cruciais, para mim.

Antes de ser ofertada a disciplina de LIBRAS (Linguagem Brasileira de Sinais), participei de dois cursos básicos de LIBRAS. A partir dessa experiência, percebi a diversidade e complexidade desses sinais, bem como sua riqueza de detalhes, a linguagem não fica restrita apenas nas mãos, é transmitida através de movimentos faciais e corporais. A Língua Brasileira de Sinais é a língua oficial da comunidade surda no Brasil, apesar disso, a comunicação entre surdos e ouvintes ainda é muito deficitária em nosso país.

Uma disciplina que conseguiu me surpreender foi ‘Fundamentos e Práticas da Matemática nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental’, ministrada pelo Professor Orestes Zivieri Neto (*in memoriam*). Ele nos orientou com graciosidade o ensino da matemática, de forma lúdica, nos ensinando a tornar a aprendizagem mais prazerosa, através do uso das figuras geométricas.

Descobri que o tangran é uma das formas mais prazerosas de se trabalhar com a matemática. Farias (2009) relata que com esse jogo milenar, que contém apenas sete peças, pode-se conseguir criar cerca de 1700 figuras, entre animais plantas, objetos, letras, pessoas, números, figuras geométricas e outros, e pode ser usado em sala de aula, tanto para ampliação e imaginação quanto para o jogo. Pois oferece a quem brinca agradáveis desafios, ajuda a desenvolver a capacidade de concentração e orientação espacial, além de promover a cooperação entre grupos, pois facilita a montagem das figuras quando criadas em grupo.

O ensino das figuras geométricas e suas formas de serem trabalhadas deve ser incentivado desde os anos iniciais, trazendo experimentação e observação a esses alunos, mostrando que tem tudo haver com os objetos que nos rodeia, e para que haja uma comparação com a realidade a partir das figuras geométricas. Quem me dera ter encontrado um professor transformador em minha infância, como foi o professor Orestes, provavelmente teria entendido desde cedo o propósito da matemática.

Ensinar não se resume apenas em “transferir” informação, o ato de ensinar deve ser uma ação desafiadora, o professor necessita de domínio pedagógico e a disciplina de Didática é fundamental para esse professor que precisa compreender como acontece o processo da aprendizagem e, a partir daí, realizar planos de aula que vá de encontro à

necessidade de cada aluno. Freire (1996) nos mostra que ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação.

Ensinar é uma atividade complexa. Vagula (2014, *apud*, COMÊNIO, 1657) compreendia a didática como “a arte de ensinar tudo a todos.” Portanto, o ensino precisa ser planejado com as indagações: o que devo ministrar, qual método devo usar, qual o motivo e o objetivo do referido conteúdo. Sendo assim, o bom planejamento trará resultados positivos e alcançarão suas metas e objetivos.

No decorrer dessa caminhada, consegui entender o que é ser um professor pesquisador. O mesmo deve conhecer as noções básicas dos métodos de investigação, para tal, não necessita de todo o rigor do saber científico, nem profundo conhecimento teórico. Ele deve conhecer os passos básicos para as realizações da pesquisa, como: a observação, análise, a comparação, a experimentação. Esse professor deve ter uma postura reflexiva, consciente do caminho que está propondo a seus alunos, assim sendo ele deixa de ser um repassador de conteúdos e constrói sua história junto a seus alunos, sendo um agente transformador da realidade e produtor do conhecimento.

A pesquisa é um grande instrumento e auxilia muito no conhecimento e desenvolvimento do aluno resgatando o interesse do mesmo pela leitura e a pesquisa. O professor deverá incentivar esses alunos para a descoberta, deverá orientá-los a extrair partes importantes do texto, ou material pesquisado, e ressaltar para o aluno que uma pesquisa não é uma cópia autêntica, e sim uma análise das ideias contidas no referido material, podendo ser extraídas de revistas, documentários, entrevistas, artigos científicos entre outros e nunca deixar de publicar a fonte para que não se configure plágio.

Um professor pesquisador é aquele que busca estar atento à necessidade de cada aluno, em vários sentidos e não apenas no pedagógico. O professor pesquisador busca entender o motivo pelo qual essa criança não está aprendendo, se por problema de saúde, como dislexia, problemas visuais, problemas de ordem emocional, dentre outros. Pois tudo isso, interfere de forma acentuada na aprendizagem.

Um exemplo interessantíssimo de professor pesquisador se encontra no filme ‘Como Estrelas na Terra, Toda Criança é Especial’². O professor não se limitou em ficar

² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xLJMDzmkezY>. Visitado em outubro de 2017.

apenas em sala de aula, ele investigou a raiz do problema e descobriu que seu aluno desprezado por todos, possuía dislexia, e o ajudou se tornar um ótimo aluno, conseguindo extrair o que ele tinha de melhor. Seu aluno era um desenhista nato. Cenas lindas e emocionantes que revelam, em sua mais genuína forma, o que é ser um professor pesquisador. Dando vida às palavras de Freire:

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não há educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeita. Não há educação do medo. Nada se pode temer da educação quando se ama (1979, p. 29).

O professor pesquisador se encaixa perfeitamente nesta fala de Paulo Freire. O professor reflexivo, inovador e transformador vive pautado nessa ideia. Pois, sem amor à Educação, não lutariam pela transformação de seus alunos em cidadãos éticos, críticos e reflexivos. Esse exemplo de professor é o que pretendo seguir. Mesmo que não consiga transformar a todos os alunos, serei cultivadora de ideias e sonhos.

4. DESESTRUTURA FAMILIAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA EDUCAÇÃO E NO DESENVOLVIMENTO DOS FILHOS

Logo que iniciei o curso de Pedagogia, tomei posse em uma escola Estadual de Ensino fundamental. Mesmo não estando em sala de aula junto aos alunos e professores, comecei a observar determinadas situações que apenas na teoria e no estágio não seria possível presenciar, pois nosso trabalho é onde passamos um tempo considerável de nossa vida. A partir de meu diálogo com professores, supervisora, orientadora, secretário e nossa equipe de apoio: zeladoras, merendeiras, inspetores e porteiro. Pude analisar detalhes de fatos ocorridos, e alguns presenciados constatei que a desestrutura familiar muito influencia na educação e desenvolvimento dos filhos.

Nossa escola atende alunos carentes em variados aspectos, como: filhos de pais presidiários, pais separados que passam a responsabilidade de criar os filhos aos avós, mães que abandonaram os filhos com os pais, e vice-versa, sendo que o pai precisa trabalhar e os filhos acabam ficando sozinhos em casa, mães intransigentes que vão até a escola para brigar com outras crianças que supostamente se desentenderam com seu filho, fato vivenciado, mães e pais omissos ao desenvolvimento intelectual e físico dos filhos, adolescentes que não querem respeitar nenhuma autoridade dentro da escola, desrespeitam e querem agredir fisicamente os próprios pais quando esses são convocados a reuniões com a direção da escola. A escola atende também crianças e adolescentes que residem em instituições de acolhimento, abrigo municipal, com as mais variadas histórias de vida e abandono.

“Há um mundo a ser descoberto dentro de cada criança e de cada jovem. Só não consegue descobri-lo quem está encarcerado dentro de seu próprio mundo”(CURY, 2013, p. 9). Essa fala interessante de Augusto Cury, em seu livro ‘Pais Brilhantes, Professores Fascinantes’, discorre com presteza a dificuldade que pais despreparados e sem estrutura familiar e emocional apresentam referente à educação de seus filhos. Ele não mostra uma receita pronta na educação de filhos, apenas aponta caminhos que auxiliam a ressignificar comportamentos, ensina como alimentar a inteligência e a higiene psíquica dos filhos; Em uma de suas citações ele enfoca: “Educar é ser um

artesão da personalidade, um poeta da inteligência, um semeador de ideias" (CURY, 2013, p. 43).

O que mais presenciamos, hoje, nas escolas, são crianças e adolescentes indisciplinados, onde os pais não tem nenhuma autoridade sobre os filhos e, pelo contrário, os filhos que mandam e os pais obedecem. Por conta desse falta de limites, são desestruturados emocionalmente, pois a falta de disciplina, regras, e valores afetam os filhos imensamente, por mais que os pais pensam que exigir e cobrar dos filhos seja uma carga muito pesada para eles, não querendo reproduzir uma educação tão rígida quanto a que receberam de seus pais. Sendo assim, ignoram a capacidade de aprimorar a educação dos filhos e acabam sendo permissivos demais, acarretando malefícios enormes na vida de seus filhos, que sofrerão por não ter a disciplina necessária ao desenvolvimento humano.

Os pais precisam se tornar pessoas dedicadas a influenciar positivamente seus filhos, se preocuparem com a inteligência emocional, nutrir sua personalidade para que seus filhos não cresçam ansiosos, alienados, autoritários, angustiados, palavras de Augusto Cury.

Compreendo que os pais não tem total controle sobre a formação da personalidade de seus filhos. Porém devem estar abertos ao diálogo com seus filhos, se preocuparem com a formação destes em cidadãos éticos.

Antigamente, os pais eram autoritários; hoje, os filhos é que são. Antigamente os professores eram os heróis dos alunos; hoje são vítimas deles. Os jovens não sabem ser contrariados. Nunca na história assistimos a crianças e jovens dominando tanto os adultos. Os filhos se comportam como reis cujos desejos têm de ser imediatamente atendidos. Em primeiro lugar aprenda a dizer "não" para seus filhos, sem medo. Se eles não ouvirem "não" dos seus pais, estarão despreparados para ouvir "nãos" da vida. Não terão chance de sobreviver (CURY, 2013, p. 41).

Amy Chua, em uma entrevista concedida a revista VEJA (2011), relata como foi a criação de suas duas filhas. Provocando reações tanto positivas quanto negativas, Amy acredita que esse tipo de reação seja porque tocou um nervo exposto da sociedade: a insegurança dos pais quanto ao tipo de educação que estão dando aos filhos. Seu livro

teve uma repercussão estrondosa e foi para o topo da lista dos mais vendidos do *The New York Times*.

Em uma entrevista à filha mais nova da escritora e professora de Direito, houve a pergunta sobre a educação que recebeu. Louisa disse que se não fosse criada como foi não seria quem ela é hoje. Ainda em seu relato a revista, Amy que é chinesa acrescenta: “estou certa de que as crianças chinesas são educadas com mais rigidez, e não são menos felizes que as crianças Ocidentais”. Suas regras eram as seguintes: nada de dormir na casa de amigas, ou vice versa, nada de jogos no computador, nada de televisão, nada de hora de brincar e nada de escolher as atividades extracurriculares. Quando a filha escreveu um cartão de aniversário feito de última hora, ela devolveu o cartão e disse que merecia coisa melhor, um cartão que tenha um pouco de esforço e criatividade. Chua Já chegou a colocar a filha com três anos de idade do lado de fora de casa sob um frio de 6 graus negativos, e disse: “você só pode ficar dentro de casa se obedecer a mamãe”. Aos completar 15 anos, Louisa, a filha mais nova, ganhou o direito de dormir na casa das amigas e também foi respeitada sua vontade de abandonar o estudo do violino. E a filha mais velha Sophia já havia arranjado um namorado também adolescente. Amy, em tom de auto zombaria, disse estar ficando mais liberal.

A mãe tigre é econômica nos elogios. Ao contrário dos pais ocidentais, ela não é obcecada com a autoestima das crianças. Quando o elogio é cabível, a mãe tigre exalta o esforço e o empenho do filho, nunca seu talento ou dom, pois só o esforço e o empenho levam a algum lugar. A mãe tigre não protege o filho das aflições e desconfortos cotidianos. Deixa-o enfrenta-los. Só assim saberá como lidar com as asperezas da vida adulta.

Tratando sobre o mesmo assunto, Tiba (2012) traz alguns pontos relevantes, onde ele relata que Chua em seu livro o grito de guerra da mãe tigre; assume sozinha a responsabilidade na educação de suas filhas, é extremamente rígida, intolerante, exigente e determina o que as filhas têm de fazer. Para ela as filhas não tem vontade própria e são obrigadas a obedecê-la e fazer o que ela mandar.

Tiba particularmente defende um caminho educativo intermediário. O mesmo adotou uma linha educativa que privilegia a formação de valores nos filhos e nos alunos que lhes sejam importantes para atingirem a alta performance na vida. Ele é

psicoterapeuta de adolescentes, mas também dedica a ajudar os pais a educar quaisquer de seus filhos. Em seguida ele diz:

Minha linha de educação é de que sempre é tempo de preparar o s filhos para um futuro que a eles pertence. Quando se deixa de educar, o crescimento se torna silvestre e não atende as necessidades do mercado nem da qualidade de vida que pretendem ter. O deixar passar erros e inadequações, hoje, é financiar a ignorância futura. Meu objetivo é sempre passar aos pais a competência para orquestrar a educação dos filhos, reforçando os acertos, corrigindo os erros, oferecendo os instrumentos necessários para uma boa formação ética, competente, progressiva e feliz. Os maestros podem ser os pais, mas são os músicos que tocam os instrumentos e, juntos, pais e filhos, compõem a sinfonia da vida (TIBA, 2012, p. 120).

Não é sobre uma educação opressora, excessivamente rigorosa, excessivamente privativa. É sobre tempo de qualidade. Os pais possuem uma ferramenta muito importante em suas mãos chamada Tempo de Qualidade com seus filhos, principalmente na infância, pois é quando as crianças estão mais suscetíveis a receber comando e obedecê-los, essa é a hora dos pais auxiliarem os professores dando uma educação de qualidade aos filhos. Na adolescência, os hormônios dos adolescentes estão à flor da pele, a “todo vapor”, uma correção tardia seria um ato quase impossível, essa correção deveria iniciar na infância para que na adolescência os princípios regras e costumes já estejam fixados em sua mente.

Tempo de qualidade significa dedicar aos filhos atenção total. Para uma criança pequena, a forma de falar essa linguagem é sentar-se no chão com ela e rolar uma bola para lá e para cá. Estamos falando de brincar com carrinhos ou bonecas, de entrar em sua caixa de areia e ajuda-la a construir um castelo; devemos, portanto, penetrar em seu mundo, fazer as coisas com ela. Talvez você como adulto, viva em um mundo informatizado, mas seu filho está no mundo da fantasia. Você precisa descer até o nível da criança se quiser conduzi-la ao mundo adulto (CHAPMAN, 2006, p. 1997).

O maior desafio que os Educadores enfrentam está correlacionado a essa gigantesca desestrutura familiar que vem ocorrendo cada vez mais, aqui vale uma máxima para nós enquanto educadores: O problema não é o problema, é minha atitude diante do problema.

Um professor fascinante é mestre da sensibilidade. Ele sabe proteger a emoção nos focos de tensão. Isso significa que os fracos excluem, e os fortes acolhem, os fracos condenam e os fortes compreendem. Ele procura acolher seus alunos e compreendê-los, mesmo os mais difíceis. Enxergue o mundo com os olhos de uma águia. Veja por vários ângulos a educação. Entenda que somos criadores e vítimas do sistema social que valoriza o ter e não o ser, a estética e não o conteúdo, o consumo e não as ideias. No que depender de nós devemos dar nossa parcela de contribuição para gerar uma humanidade mais saudável. Não esqueça que você não é apenas um pilar de escola clássica, mas um pilar de escola da vida. Tenha consciência de que os computadores podem gerar gigantes na ciência, mas crianças na maturidade. Os educadores apesar de suas dificuldades, são insubstituíveis, porque a gentileza, a solidariedade, a tolerância, a inclusão, os sentimentos altruístas, enfim, todas as áreas da sensibilidade não podem ser ensinadas por máquinas, mas por seres humanos (CURY, 2013 p. 50).

Nós educadores necessitamos de sabedoria para gerir situações ocorridas em sala de aula, nas dependências da escola e até mesmo fora dela. Devemos ter sensibilidade, amabilidade, compaixão, além de trabalhar nossa própria autoestima, pois só podemos doar aquilo que possuímos.

Anseio ser uma professora transformadora, enxergando as potencialidades dos alunos e não apenas suas dificuldades, uma professora orientadora buscando a capacitação para melhor explorar os conteúdos pedagógicos, e pesquisadora que compõe todos os quesitos citados a cima.

5. EXPERIÊNCIAS DO ESTÁGIO

Minhas primeiras experiências no estágio foram bem interessantes. Comecei a me apaixonar pela educação infantil quando as disciplinas que falavam sobre o assunto foram inseridas no AVA. No início do curso, não tinha muita vontade em exercer a profissão, pois o que presenciamos hoje são crianças e adolescentes que já trazem de casa uma bagagem de indisciplina, entretanto tinha prazer em ensinar qualquer coisa que soubesse a quem pedisse minha ajuda. A vocação para ensinar estava apenas adormecida, quando adolescente, auxiliava minha irmã a redigir textos e explicava para ela o quanto era bom escrever, mas ela gostava mesmo era de matemática e também me auxiliava quando eu precisava.

Iniciamos o Estágio na Educação Infantil e logo me identifiquei com a creche, nossa primeira turma foi do maternal e em seguida a sala do Pré II. Foi a partir do estágio que os meus conceitos sobre educação infantil mudaram, pude perceber que as crianças não chegam à creche e são alfabetizadas imediatamente, isto é uma consequência, pois o foco da educação infantil é a socialização, a coordenação motora fina e lateralidade. Essa criança aprende de forma lúdica com o professor, com os coleguinhas ou outros funcionários da creche.

A criança que frequenta uma creche dificilmente recebe em casa oportunidades de estimulação natural e contínua, estando reclusa em pequenos espaços e contatos humanos limitados. Em contrapartida, durante o dia todo, na creche, participa de uma programação bem-elaborada, que pretende responder àquilo que se julga necessário ao seu desenvolvimento (ARANHA, 1993, p.40).

No decorrer da semana que iniciamos o estágio no Ensino Fundamental I, a escola estava em mobilização com o projeto **#diadelertododia**, como eu já trabalho nessa escola como funcionária de apoio, estava auxiliando a supervisora com esse projeto de leitura, fazendo uma sondagem tomando leitura das crianças e anotando algumas questões do tipo: lê texto- lê frases- lê palavras- lê sílabas complexas e quais suas maiores dificuldades, essa sondagem tinha por objetivo trabalhar em cima da dificuldade de cada aluno.

No dia específico da leitura, toda a escola foi mobilizada. A comunidade também foi convidada a participar desse momento, os alunos fizeram cartazes com frases com incentivo à leitura, a escola foi toda decorada com esses cartazes, formaram uma cortina com livros pendurados painel com fotos dos alunos com livros que já leram e que continha o tema eu indico este livro porque (...) a biblioteca virou um castelo encantado onde foi desenhado um castelo pintado por nós, foram realizadas várias leituras cada professor levava sua turma por vez.

A sala de vídeo rodou uma historinha sobre a menina que não gostava de ler, porém, seus pais amavam leitura e sempre a presenteava com livros que iam ficando guardados na estante. Houve uma reviravolta na história, a menina se apaixonou por leitura, lendo todos os livros que estavam guardados na estante.

Os funcionários foram incentivados a se fantasiar com personagens de conto ou de personagem da literatura infantil, me fantasiei de fada e minha colega de estágio de Chiquinha, e outros funcionários de visconde de Sabugosa, Emília e outros. Juntamente com minha colega de estágio Betania Moreira decidimos apresentar uma historinha com fantoches, confeccionamos um castelo de papelão, contamos a estória do príncipe sem sonhos e adaptamos as falas sobre, livros, leituras e biblioteca, essa apresentação foi realizada para toda a escola e comunidade, apesar do frio na barriga por apresentar fantoches pela primeira vez foi bem interessante. As crianças foram muito receptivas, e ficaram entusiasmadas com o castelo, os fantoches e até mesmo com os personagens que estávamos usando.

Ouvir histórias desenvolve, também, uma capacidade de grande imaginação. Perguntado sobre qual seria a melhor maneira de cultivar nas crianças o interesse pela ciência, Einstein sugeriu que se contassem muitos e muitos contos de fadas para as crianças. Segundo ele, somente quando a criança tem uma grande dose de curiosidade é que ela vai sentir-se interessada em enfrentar situações específicas e seus desdobramentos. Se a criança desenvolver a imaginação, se ela tiver curiosidade desenvolvida, poderá responder às várias situações que surgirão durante a vida e solucionar problemas futuros (FARIA e MELLO, 2005, p. 9).

No dia seguinte, fizemos uma visita ao Hospital Municipal da cidade, juntamente com a supervisora e alguns alunos, para fazermos leitura para crianças e apresentação com os fantoches. Foi muito importante fazer esse trabalho para registrar a

importância da leitura para as crianças e pais, para que eles possam enxergar a importância da leitura e venham incentivar seus filhos a apreciarem a leitura. Foi muito gratificante participar desse projeto tão significativo e vê-lo sendo realizado, ver o entusiasmo das crianças com o lúdico e com um tema tão importante para nossa educação. Enfim, o dia de ler todo dia pra mim foi muito marcante, pois amo leitura e alfabetização, e ver as crianças se envolvendo nesse mundo da leitura foi bem emocionante.

A programação específica do dia da leitura ocorreu durante o meu estágio com a turma do 5º Ano. A participação deles no projeto foi montar o painel: Eu indico este livro; onde fizeram o resumo de seu livro predileto, tiraram uma foto com os respectivos livros e coloram nesse painel.

O estágio foi uma experiência surpreendente para mim, que, apesar de trabalhar nessa escola, ter contato com os alunos diariamente, receber abraços e beijos carinhosos todos os dias e amar muito tudo isso, ainda assim, não me colocava a par do que acontecia dentro da sala de aula. A partir desse momento de estágio, acompanhei a rotina dos professores, suas dificuldades e também as recompensas da árdua tarefa de educar.

Consegui observar as dificuldades dos alunos, seus anseios, desinteresse de alguns com as disciplinas, a sede de aprender de outros, a dedicação de alguns com seus sonhos referentes à profissão pretendida. Acompanhei diversas fases de aprendizagem das crianças no processo de alfabetização, bem como a dedicação das professoras regentes.

O estágio foi o momento em que me possibilitou uma aproximação maior com a teoria estudada, trazendo diversas reflexões, observando como os professores resolvem conflitos em sala, como devo agir e me portar perante os alunos e os conflitos. Foi onde aprendi na prática que educar dá trabalho, porém todo trabalho bem feito produz resultado positivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento desse memorial me possibilitou reviver momentos importantes da minha vida, como lembrar e escrever algumas recordações de toda a minha infância, uma época maravilhosa onde estamos abertos a mudanças, é quando estamos suscetíveis a aprender e reproduzir tudo que nossos pais e nossos professores nos ensinam. Em alguns momentos não consegui conter minhas emoções, diante de lembranças adormecidas ao passar do tempo.

O grande desafio foi me recordar dos acontecimentos ocorridos no Ensino Fundamental e Médio, ao qual não me veio à memória muitas recordações específica sobre a didática utilizada pelos professores que passaram pela minha vida estudantil. Não relatei nenhum acontecimento extraordinário, pois fui apenas uma estudante tímida e de choro fácil.

O ingresso na universidade me trouxe diversas aprendizagens, uma delas jamais poderei esquecer, pois sugere superar a consciência ingênua e desenvolver a consciência crítica. O estágio, as pesquisas campo, e trabalhar em uma escola Estadual, me possibilitaram uma aproximação maior com as teorias estudadas, trazendo reflexões entre teoria e prática. Na qual observo que a desestrutura familiar são as principais causas que trazem diversas consequências na aprendizagem dos alunos.

Analisando essa dificuldade que ocorre na maioria das escolas brasileiras, acredito que o professor transformador, pesquisador e reflexivo seria de grande importância, sendo que irá compreender e trabalhar com a realidade de cada aluno, pois cada ser carrega consigo uma história, marcadas de desafios e sacrifícios, assim como nós enquanto alunos UNIR/UAB.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia A.R. **Desenvolvimento Infantil na Creche**. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 1993.

BRASIL. Lei nº 9394. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**, Brasília, 1996.

BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil**, Brasília: 1988.

CHAPMAN, Gary, CAMPEBELL Ross. **As cinco linguagens do Amor das crianças**. 21ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

_____, Gary. **As cinco linguagens do Amor: Como expressar um compromisso de amor a seu cônjuge**. 17ª ed. São Paulo: Mundo Cristão, 1997.

CHUA, Amy. Mãe tigre funciona, mas como um toque de panda. **Revista VEJA**, 2011.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. **Educação Infantil Pra que te quero?** 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, alunos fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO, Amaral Suely. **Linguagens Infantis - Outras Formas de leitura**. Autores associados, 2005.

FARIA, Wendell Fiori de; RUIZ, Campos Eliane. **Fundamentos da Educação Infantil II**. Porto Velho: Apostila Rondônia, 2014.

FARIAS, Katia **Sebastiana Carvalho dos Santos**. **Fundamentos da Matemática II**. Porto Velho: Apostila Rondônia, 2009.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 32ª ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

TIBA, Içami. **Pais e Educadores de Alta Performance**. 2ª ed São Paulo: Integrare, 2012.

VAGULA, Edilaine. **Didática**. Londrina: Distribuidora Educacional S.A., 2014.